

NUNAN, A. & JABLONSKI, B. Homossexualidade e Preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 54, n.1, 2002. p. 21-32.

HOMOSSEXUALIDADE E PRECONCEITO: ASPECTOS DA SUBCULTURA HOMOSSEXUAL NO RIO DE JANEIRO

Adriana Nunan e Bernardo Jablonski (*)

Da subcultura¹ homossexual, pode-se afirmar que é um fenômeno socialmente construído e que ajuda muitos indivíduos a lidarem com o preconceito. Definimos subcultura como uma ideologia articulada coerentemente em um conjunto de significados, crenças e comportamentos, além de ser uma forma complexa de interação e organização social partilhada tanto por homossexuais assumidos como por heterossexuais não-preconceituosos (Kates, 1998). Os conteúdos de uma subcultura incluem significados, códigos, linguagem (gírias, por exemplo), normas, valores, costumes, pontos de encontro, atividades, instituições (estruturas de apoio material e psicológico) e tradições. Segundo Plummer (*apud* Kates, 1998), as subculturas são consequência das sociedades complexas onde não existe um sistema de valores único e uniforme que seja válido para todos os indivíduos. De acordo com esta perspectiva, a subcultura homossexual possuiria valores e normas distintos daqueles adotados pela cultura heterossexual dominante. Sullivan (1996) menciona a este respeito a especial capacidade dos homossexuais de utilizarem a subversão para resistir aos sistemas de poder que os oprimem.

Nessa subversão cultural se inscrevem o deboche, a desmunhecação, a ironia e o riso, florescendo num descaso pelas normas de gênero sexual (como o cultivo ao travestismo) e no uso distorcido da linguagem. (Trevisan, 2000: 35)

¹ Para alguns autores (Freitas e cols., 1996) o conceito de subcultura sugere que uma prática cultural estaria acima das outras e que todos os indivíduos subscreveriam a esta cultura maior, que é autônoma em relação às múltiplas subculturas. Segundo este raciocínio, as subculturas teriam um status mais baixo. Nosso entendimento do termo, no entanto, postula que a formação de uma subcultura homossexual pode ser entendida como um espaço de resistência à opressão que favorece mudanças sociais.

Neste sentido, a subcultura homossexual pode ser entendida como uma forma de resistência na qual contradições e objeções à ideologia dominante são simbolicamente representadas através de um determinado estilo de vida ou uso de objetos materiais. Cria-se um espaço para a livre expressão sexual mesmo em face de discriminação e violência. Desta forma, muitos homossexuais se identificam com gays de outras cidades ou países: os laços comuns de sexualidade e opressão parecem transcender fronteiras pessoais, sociais, culturais e nacionais. Segundo Crocker e cols. (1998), alguns membros de grupos estigmatizados, tais como os homossexuais, são capazes de romper com os estereótipos negativos, desenvolvendo uma consciência grupal positiva. Esta consciência grupal envolveria três aspectos básicos: o reconhecimento de que certas desvantagens não são derivadas de experiências pessoais, mas que se estendem a outros membros do grupo; o julgamento de que o status minoritário e desvantajoso do grupo é ilegítimo e derivado de preconceito, discriminação e exploração; e o desenvolvimento de uma identidade grupal positiva. Para que esta identidade seja possível, membros do grupo precisam acreditar que uma sociedade mais justa pode ser construída através de esforço coletivo, o que por sua vez permite que os indivíduos se organizem e lutem por mudanças sociais. Surgem assim, nos grandes centros urbanos, as comunidades homossexuais.

Seguindo o caminho proposto por Kates (1998), definimos comunidade como um grupo de indivíduos que possuem um vínculo comum que os distingue de outros indivíduos. Pessoas que participam de uma comunidade compartilham uma relação social, conhecida por eles, que pode ser tanto anônima como face-a-face. No caso mais específico dos homossexuais, a comunidade também implicaria em alguma espécie de identidade compartilhada. Em outras palavras, pode-se dizer que a subcultura é um tipo especial de comunidade, no sentido de que toda subcultura é uma comunidade, mas toda comunidade não é, necessariamente, uma subcultura. No caso brasileiro, no entanto, pelo menos no que se refere à cidade do Rio de Janeiro, podemos falar tanto em subcultura quanto em comunidade homossexual.²

Segundo Altman (*apud* Badinter, 1992), uma comunidade gay não se limita às redes de amizades, nem aos bares, restaurantes e saunas. Ela é, na verdade, um conjunto

de instituições (incluindo clubes sociais e políticos, publicações, grupos religiosos, centros comunitários) que representam um sentimento de valores compartilhados e uma vontade de afirmar uma identidade homossexual. Vale ressaltar ainda que ao contrário de outros tipos de comunidade (principalmente aquelas organizadas em torno de raças, etnias ou religiões), a comunidade homossexual tem como sua unidade básica, não a família, mas o indivíduo, o que significa que a pessoa escolhe participar dela. Da mesma forma, não é necessário que o dia a dia do homossexual gire em torno da comunidade para que ocorra algum tipo de identificação com esta.

A afirmação pública da identidade homossexual e da existência de uma comunidade homossexual que mal saiu da sombra vai até a organização econômica, política e espacial. Isso levou, nos grandes centros urbanos americanos, à formação de guetos, o que significa, segundo a definição clássica desse termo, bairros urbanos habitados por grupos segregados do restante da sociedade, levando uma vida econômica relativamente autônoma e desenvolvendo uma cultura própria. (Pollak, 1985: 70)

Uma subcultura homossexual, similar àquelas que floresceram nos Estados Unidos na virada do século, também existiu no Rio de Janeiro, impulsionada pela apropriação do espaço urbano (Green, 1999; Trevisan, 2000). O termo espaço homossexual refere-se a lugares da cidade que possuem uma forte presença homossexual, podendo ser igualmente compreendido como uma manifestação física da comunidade gay. De acordo com Crocker e cols. (1998), uma maior presença de indivíduos similarmente estigmatizados num meio ambiente determinado ocorre por motivos vários, tais como: a segregação forçada por causa da discriminação, a preferência pelo contato com pessoas similares e a sensação de estar em um ambiente social seguro, onde o indivíduo pode expressar sua sexualidade sem preocupação ou ansiedade. A existência de um espaço homossexual elevaria a auto-estima destes indivíduos pois, segundo Myers (2000), as pessoas também se auto-avaliam pela participação em grupos. Ter um senso de “nós” fortalece o auto-conceito do indivíduo, fazendo com que este procure respeito para si próprio e orgulho dentro de seu grupo. Visto que a identidade dos homossexuais é estigmatizada na nossa sociedade, o pertencimento a um grupo que rejeita os valores

² De acordo com Parker (1999) os termos “subcultura” e “comunidade” são utilizados pela maioria dos pesquisadores de formas altamente imprecisas, muitas vezes não ficando claro o que distingue uma

heterossexuais permite a afirmação de sua individualidade e normalidade perante uma sociedade que os condena (Aronson, 1999).

Como nos apontam Pritchard e cols. (1998), noções de espaço e lugar são de fundamental importância em qualquer discussão sobre comunidade e identidade gay, sobretudo porque - em resposta ao meio preconceituoso em que vivem - indivíduos homossexuais só podem ser eles mesmos (isto é, mostrar sua orientação sexual) em lugares específicos, geralmente aqueles voltados ao entretenimento, com tudo o que isto implica de limitação e artificialidade. Ao contrário do que se pensa, a rua não é um lugar assexuado, mas é frequentemente considerada um espaço heterossexual por excelência. Os heterossexuais não valorizariam esta característica da rua da mesma forma em que não valorizam a liberdade que possuem para expressar suas identidades em todas as esferas sociais, sejam estas relacionadas com o trabalho, casa ou entretenimento. Visto que o espaço também pode ser contestado, a heterossexualidade da rua não é imutável e sua sexualidade está sendo constantemente desafiada e re-estabelecida. Assim, muitos heterossexuais preconceituosos buscam negar a presença legítima de homossexuais nas ruas através de mostras de desaprovação, sanções oficiais ou agressão. Neste sentido, são comuns as expressões do tipo “vamos limpar as ruas destes doentes” ou “aqui não é lugar para este tipo de gente”, pois o controle sobre a forma como o espaço é produzido é fundamental para a habilidade dos heterossexuais de reproduzirem sua hegemonia.

Parte do desafio à heterossexualidade da rua tem sido o desenvolvimento de espaços que podem ser identificados tanto por homossexuais quanto por heterossexuais como espaços gays. Em outras palavras, uma complexa geografia sexual seria organizada e distribuída em um mapa cultural de espaços físicos concretos. Estes espaços possibilitam demonstrações públicas de afeto (tais como andar de mãos dadas, beijar, tocar, olhar amorosamente e usar expressões carinhosas) e de determinados tipos de comportamento, permitindo igualmente que os homossexuais tenham acesso a uma série de serviços e facilidades, incluindo bares, restaurantes, boates, lojas, moradia e serviços médicos e legais. Apesar de estarmos falando de espaços físicos concretos, Freitas e cols. (1996) apontam para a questão de que o espaço gay também pode ser abstrato e transitório, isto é, um “espaço experiencial” que vai desde o reconhecimento de um outro

“subcultura” de uma “comunidade”.

homossexual em um lugar público, passando pelo ato de ver uma notícia no jornal sobre homossexuais ou assistir a um beijo gay na televisão, até deparar-se com um anúncio voltado para o público homossexual. Não obstante sua transitoriedade, estes “espaços experienciais” provêm refúgio do preconceito do dia a dia e confirmam a subcultura homossexual. Segundo Hughes (1997) os espaços gays (sejam concretos ou experienciais) também fazem com que a identidade gay seja estabelecida e confirmada através de relacionamentos com outros homossexuais. É preciso deixar claro, igualmente, que mesmo que estes lugares não sejam freqüentados por todos os homossexuais³, eles acabam representando a comunidade.

Tomando como referência o trabalho de Goffman ([1963] 1988) sobre estigmas, podemos dizer que o homossexual que participa destes ambientes segregados sente-se à vontade entre indivíduos similarmente estigmatizados, ao mesmo tempo em que pode descobrir que pessoas conhecidas (que ela não considerava suas iguais) na verdade o são. Esta situação é bastante comum quando, por exemplo, homossexuais encontram maridos de amigas ou familiares em locais de freqüência gay. Por outro lado, existe a possibilidade de que um homossexual não-assumido seja subitamente desacreditado se uma pessoa não-estigmatizada que ele conheceu em outro lugar o vir em um destes espaços. Importante mencionar ainda que apesar dos homossexuais sentirem-se seguros nestes espaços, os mesmos também facilitam agressões, já que heterossexuais preconceituosos se dirigem especificamente a estes locais quando desejam cometer algum tipo de violência. Não obstante este perigo potencial, espaços gays provêm um sentimento de comunidade, território, ordem, controle e poder, podendo ser compreendidos como lugares de resistência cultural com um enorme significado simbólico. Vale ressaltar que embora não se tenham desenvolvido guetos no Rio de Janeiro, isto é, bairros gays claramente delimitados, muitos locais da cidade tornaram-se, desde o século passado, pontos de encontros homossexuais. Assim, em virtude destas diferenças, na citação de uma subcultura homossexual carioca cabe mais a utilização do

³ De acordo com Trevisan (2000), um grande número de homossexuais não aceita e detesta confundir-se com a comunidade gay, não freqüentando-a em hipótese alguma. Tal como resume Costa (1992), “*Dando um enorme peso à sexualidade na definição da identidade do sujeito (...) a subcultura gay não atende, como seria previsível, a pluralidade de aspirações dos sujeitos homoeroticamente inclinados.*” (Costa, 1992: 164)

termo “comunidade” do que da palavra “gueto”, esta mais característica de uma subcultura norte-americana.

... seria um erro olhar para esta subcultura como apenas uma importação do exterior – uma versão ligeiramente tropical da comunidade gay que existe na Europa ou nos Estados Unidos. Claramente ela tem sido, e continua a ser, profundamente influenciada por modelos e forças externas, mas esta subcultura gay também continua a responder, em uma variedade de maneiras, a particularidades do contexto social e cultural brasileiro. (Parker, 1999: 46; tradução nossa)

Segundo este autor, a emergência de subculturas homossexuais está enraizada em um sistema econômico e social específico, ligado aos processos de urbanização e industrialização que favoreceram um relativo anonimato e impessoalidade para aqueles homossexuais que resolveram morar nas grandes cidades. No Rio de Janeiro, assim como em outros lugares do mundo, a noção de identidade homossexual, aliada aos esforços dos grupos de conscientização, foram elementos fundamentais para a constituição de uma subcultura que une indivíduos que compartilham desejos e práticas homossexuais. Este sentimento de comunidade, com tradições e instituições próprias, vem ganhando força progressivamente desde a década de 80. No caso brasileiro, apesar de muitos homossexuais terem adotado a identidade gay, a subcultura em sua dimensão mais ampla parece ter se unido em torno da noção de diferença sexual. Em oposição ao termo identidade (que implica uma idéia de “igualdade”), este conceito permite que homens que possuem distintas identidades, desejos e origens sociais, partilhem de um sentimento comum de “diferença sexual”, isto é, de fazerem parte de um meio social que se define como uma alternativa às normas heterossexuais dominantes. De acordo com Green (1999), a idéia de comunidade está ligada a um sentimento de conexão com outras pessoas que compartilham uma experiência similar de marginalidade social. Deste modo, fortes laços podem se desenvolver entre indivíduos estranhos que se conheceram na praia, em festas ou eventos da comunidade, não apenas devido à atração sexual, mas resultante de uma afinidade baseada na necessidade compartilhada de enfrentar o preconceito e a discriminação.

Vale ressaltar que ao mesmo tempo em que a subcultura permite que muitos homossexuais se desvinculem de rótulos impostos externamente, ela também provoca a

divisão da comunidade em subgrupos ainda menores que tendem a se auto-rotular. A lista abaixo destes diversos subgrupos, possui um caráter simplesmente descritivo, não pretendendo, de forma alguma, dar conta de todos os subgrupos nem de fixá-los em definições estanques, negando a diversidade do mundo homossexual. Desta forma, entre os homossexuais do sexo masculino poderíamos citar, brevemente, os seguintes subgrupos: transformistas e drag queens (homens que se vestem como mulheres, geralmente com o intuito de fazer apresentações artísticas; são caricaturas esdrachadas da figura feminina), travestis (homens que se vestem e se comportam como mulheres, freqüentemente utilizando implantes de silicone e hormônios para modificar o corpo; muitos se dedicam à prostituição), michês ou garotos de programa (homens que se prostituem, sem necessariamente se considerarem homossexuais), boys ou boyzinhos (homossexuais jovens que tentam parecer masculinos mas que apresentam qualidades andróginas), go-go boys (rapazes contratados para ficarem dançando apenas de sunga em plataformas em casas noturnas), bichas (homossexuais efeminados), bofes (homens masculinos que não se consideram, necessariamente, homossexuais), bichas velhas (homossexuais mais velhos, com freqüência efeminados), entendidos (para muitos, o termo é sinônimo de homossexual, para outros, serve para ocultar sua identidade sexual), militantes do movimento homossexual, interventores de AIDS (indivíduos que trabalham na prevenção do HIV), sadomasoquistas, clubbers (homossexuais que freqüentam clubes noturnos e festas *rave*, adotando uma estética “extravagante”), mauricinhos (similares aos mauricinhos heterossexuais, gostam de sair à noite e estão sempre com roupas da moda, usualmente adotando um padrão estético homossexual), gays (homens cujo principal foco erótico se encontra na relação com outros homens), ursos (homossexuais gordos e peludos, isto é, com fenótipos considerados estritamente masculinos) e as barbies (Parker, 1999).

O subgrupo das barbies (nome que alude diretamente à boneca norte-americana) talvez seja o que precisa de maiores explicações. Em poucas palavras, as barbies podem ser definidas como homossexuais musculosos que vivem para modelar o corpo (através de intermináveis horas de exercícios físicos e ingestão de hormônios) de acordo com um conceito exacerbado de masculino. Amiúde raspam os pelos para que a musculatura se destaque e colocam bastante ênfase na sua aparência externa. Trevisan (*apud* Glass e

cols., 2000) menciona comicamente que barbie é o homossexual que tem “corpo de Tarzan, voz de Jane e cabeça de Chita”. De fundamental importância é o fato de que o meio homossexual parece seguir esse padrão de beleza que exalta a virilidade e a juventude, exacerbando o narcisismo e a busca de uma perfeição inalcançável.

Apesar das barbies serem o padrão de beleza atual para muitos homossexuais, este é um fenômeno recente. De acordo com Badinter (1992) existem “estilos” dominantes diferentes segundo as épocas. Desde o final do século XIX até aproximadamente o início dos anos 70 a definição do homossexual masculino denotava uma extrema feminilidade. Maneirismo ostensivos (no modo de falar e andar e na aparência) evocavam uma paródia do feminino tradicional e falava-se de “uma alma feminina no corpo de um homem”. Nos anos 70 este “estilo” feminino foi substituído por um modelo teatralmente masculino: os supermachos vestiam roupas de couro, botas pesadas e usavam cabelo curto, barba e bigode, apoiando um conceito de virilidade tradicional.

Multiplicam-se os bares “sodomasoquistas”, freqüentados por homossexuais fascinados por objetos tipicamente masculinos, como correntes, botas, quepes. Nesses “bares-couro”, brinca-se de ser homem, homem de verdade. (Badinter, 1992: 163)

O desejo de parecer forte, livre e ativo faz com que as “bichas loucas” de outrora sejam objeto de total desprezo. As imagens míticas deste período são o cowboy, o motorista de caminhão, o policial, o bombeiro e o esportista. Não obstante a mudança do modelo de “bicha louca” para o de “supermacho”, deve ficar claro que ambos são imitações alienantes dos estereótipos de masculinidade e feminilidade, e homossexuais que adotam qualquer um destes modelos não fazem mais do que reforçar os padrões heterossexuais dominantes.

A partir da década de 90 o modelo de homossexual supermacho parece ter arrefecido em prol de um culto ao corpo, com elementos claramente andróginos, característico do subgrupo das barbies. Autores como Fry & MacRae (1983) apontam para o forte preconceito que este fenômeno provocou dentro da comunidade gay: os homossexuais efeminados, feios, velhos, pobres ou negros, que não se encaixam neste padrão de beleza são estigmatizados e excluídos. Apesar de não abordarmos aqui a questão das diferenças de classe social e raça dentro da subcultura gay carioca, a

prevalência do preconceito ligado a estas divisões hierárquicas não deve ser de forma alguma subestimada. É preciso estar atento, não obstante, para o fato de que as divisões de raça e classe características da sociedade brasileira em geral também estão refletidas nas interações entre os homossexuais.

Tal como mencionado anteriormente, apesar do Rio de Janeiro não possuir um gueto homossexual claramente delimitado, isto é, bairros exclusivamente gays, os pontos da cidade que são utilizados como locais de encontro de homossexuais acabam tornando-se áreas privilegiadas para o entretenimento e a moradia destes indivíduos. Atualmente, entre os bairros de grande presença homossexual (incluindo residentes e estabelecimentos comerciais direcionados a este público) podemos citar: Centro, Copacabana, Ipanema, Botafogo e Barra da Tijuca.⁴ O Centro da Cidade tem sido um ponto de interação homossexual desde, pelo menos, o início do século XX, mantendo sua importância como um dos focos da vida gay durante as décadas de 70 e começo da de 80 (Green, 1999). Neste bairro, onde se pode notar uma alta concentração de travestis e de prostituição masculina, são comuns os parques, praças, hotéis e banheiros utilizados para encontros sexuais por indivíduos de origens humildes. Ao redor da Cinelândia, talvez o coração deste espaço gay, encontram-se também uma série de cinemas, bares e boates freqüentados por homossexuais de classes sociais um pouco mais elevadas. Não obstante o Centro ainda ser um importante local de interação homossexual, este bairro foi sendo substituído pouco a pouco por áreas nobres localizadas na Zona Sul da cidade. De acordo com Terto (1996), nos anos 80 os locais clandestinos do Centro tais como banheiros públicos, cinemas e parques deixaram de ser largamente utilizados. O surgimento da AIDS parece ter sido responsável por esta mudança, mas outros fatores também contribuíram para que muitos homossexuais de classes sociais mais elevadas passassem a freqüentar pontos de encontro na Zona Sul.

O reforço do circuito comercial, com locais mais institucionalizados, a repressão policial nas ruas, as mudanças no espaço urbano com a iluminação e reforma de praças, ruas e jardins, a violência crescente dos assaltos, a crise

⁴ Importante notar que, até o presente momento, não existem dados oficiais sobre a maior ou menor presença de homossexuais em determinados bairros da cidade. As informações que se seguem foram colhidas, na sua maior parte, de entrevistas com homossexuais e dos relatos de indivíduos que estão familiarizados com a subcultura, devendo, por tanto, serem analisadas com cautela.

econômica que fomentou a mendicância e o número de pessoas sem casa vivendo na rua, são alguns dos fatores que contribuíram para dismantelar grande parte deste circuito de sexo mais orgiástico, anônimo e clandestino que caracterizava grande parte do comportamento e prática sexuais de milhares de homens. (Terto, 1996: 93)

Apesar de Copacabana ter sido um dos bairros mais sofisticados da cidade, nas décadas de 70 e 80 começou a entrar em declínio e foi substituído por Ipanema e Leblon como o endereço preferido das famílias mais abastadas. Com uma alta densidade populacional, forte turismo internacional⁵ e diversas opções de entretenimento noturno, Copacabana acabou se transformando em uma alternativa mais segura (em termos de policiamento) ao Centro da cidade, sendo utilizado particularmente por turistas e homossexuais de classe média. Copacabana, que também possui uma série de bares, restaurantes e saunas de freqüência gay ostenta igualmente, no trecho de areia conhecido como Bolsa de Valores, o título de ser a primeira praia homossexual do país. Tal como a Cinelândia no Centro, os pólos de atividade homossexual podem ser localizados nas áreas ao redor da Galeria Alaska e do hotel Copacabana Palace. Ao contrário do anonimato característico do Centro, no entanto, a vida gay em Copacabana é extremamente visível, sendo um exemplo deste fato a existência do Quiosque Rainbow (ou quiosque gay), onde os homossexuais reunidos estão permanentemente expostos aos olhares dos transeuntes. Apesar do declínio de Copacabana ter continuado durante a década de 90, atualmente pode-se afirmar que se trata de um bairro onde homossexuais de diversas origens sociais se reúnem, particularmente durante o período de carnaval.

A medida em que as famílias mais ricas se mudavam para Ipanema e Leblon, processo semelhante ocorria com os homossexuais provenientes das classes altas: a partir dos anos 80 e 90 estes bairros se tornaram uma alternativa mais sofisticada às áreas encontradas no Centro e em Copacabana. Em Ipanema também podemos encontrar, em frente à rua Farne de Amoedo⁶, um trecho de praia freqüentado quase que exclusivamente pelas barbies ou por jovens homossexuais de classes mais elevadas.

⁵ Deve-se apontar que a interação de homossexuais brasileiros com turistas gays de outros países constitui um importante ponto de interseção entre a subcultura gay internacional e aquela presente no nosso país. O movimento na direção oposta, isto é, as costumeiras viagens de muitos homossexuais brasileiros ao exterior, de onde trazem elementos característicos de outras comunidades, também não pode ser subestimado (Parker, 1999).

⁶ A rua Farne de Amoedo em Ipanema também é conhecida como “Farne de AmoAIDS”, denominação pejorativa que se deve à ainda forte associação entre homossexualidade e AIDS.

Neste mesmo período, a rua Visconde Silva em Botafogo, que reunia diversos bares, tornou-se um lugar de encontro homossexual. Alguns anos depois, no entanto, o ponto entrou em decadência e praticamente não existe mais, sendo substituído pela Barra da Tijuca (que abriga diversas boates e festas direcionadas para o público gay) como um pólo de atração homossexual. Finalmente, devemos apontar que não obstante seus valores mais conservadores e tradicionais, a Zona Norte carioca também desenvolveu espaços visitados por homossexuais similares àqueles existentes na Zona Sul, apesar destes locais serem consideravelmente mais discretos.

De acordo com Trevisan (2000), o espaço homossexual geograficamente ampliado representa um ganho de direitos bastante discutível. Por um lado, a polícia pode, quando quiser, invadir estes lugares e extorquir ou prender homossexuais utilizando para este fim as mais diversas justificativas. Este tipo de atitude da sociedade heterossexual mais ampla funciona como uma espécie de advertência de que a tolerância visa fundamentalmente manter claros os limites da comunidade. Assim, os órgãos de segurança *controlam* mais do que *reprimem*, e esta liberdade vigiada e concedida acaba carregando todas as seqüelas do preconceito (Costa, 1992).

Ainda que seja um espaço conquistado para a livre manifestação de comportamentos socialmente desviantes do padrão, o gueto na verdade não deixa de ser “lugar de bicha e lésbica”, com tudo o que implica de compartimentalização e isolamento. (Trevisan, 2000: 471).

Entre seus iguais (em termos de estigma) o homossexual pode estabelecer uma identidade positiva, mas corre o risco de viver em um mundo incompleto e artificial se ficar muito preso à comunidade gay. A segregação é o preço que se paga pela reivindicação de um espaço onde os homossexuais possam viver plenamente sua sexualidade. Neste sentido, pode-se pensar que a comunidade é, no fundo, uma acomodação dos homossexuais a seu estatuto de estigmatizados. O autor acima também aponta para o fato de que o crescimento do mercado gay incentivou a expansão da comunidade homossexual para além de seus limites tradicionais.

Segundo Kates (1998), o comportamento de consumo dos homossexuais que participam da subcultura gay está diretamente ligado à aceitação e revelação de sua identidade. Neste sentido, determinados rituais de consumo podem servir para esconder a

identidade homossexual, explorá-la, revelá-la para outras pessoas, formar laços com a comunidade ou para expressar raiva e oposição à cultura heterossexual dominante. Goffman ([1963] 1988) adota um raciocínio semelhante quando afirma que determinados objetos podem ser entendidos como símbolos de estigma ou de identidade, permitindo que o homossexual se revele. Ainda segundo Kates (1998), os conceitos que descrevem a condição humana (tais como amor, ódio, opressão, poder, dinheiro, liberação e luta) são intangíveis e não podem ser representados visualmente por si sós. Assim, eles precisam ser simbolizados por objetos (produtos ou possessões) ou representados dentro do contexto de certas atividades (rituais, por exemplo) nos quais as pessoas lhes outorgam significados. Desta forma, a identidade, a subcultura e a comunidade gay seriam representadas, visual e materialmente, através de vários comportamentos de consumo e utilização criativa de produtos e serviços.

O mercado gay que se desenvolveu nos últimos anos uniu sexualidade e economia de uma forma nunca antes vista, transformando o que se convencionou chamar de “estilo de vida homossexual” em complicadas transações comerciais. De acordo com Parker (1999), no caso do Rio de Janeiro, este mercado se baseou no sistema de gênero tradicional ao mesmo tempo em que se liga a uma série de estruturas sociais e econômicas características do “mundo gay internacional” do final do século XX. Assim, bares, discotecas, saunas e outros estabelecimentos direcionados para o público homossexual se tornaram não apenas lugares para encontrar parceiros, mas servem igualmente a um tipo específico de socialização que ocorre em um contexto parcialmente livre de discriminação e preconceito. Evidentemente, o surgimento destes estabelecimentos não é um fenômeno recente, pois pontos de encontro homossexuais têm existido na cidade há vários anos. O que caracteriza o nascimento do mercado gay, no entanto, é que estes novos estabelecimentos (a maioria comandados pelos próprios homossexuais) se auto-identificam como voltados para público gay, perseguindo esta clientela diferenciada.

Em suma, comunidade e subcultura gay no Rio de Janeiro se traduzem na busca de espaços e de antídotos contra as manifestações preconceituosas do dia a dia. Os subgrupos existentes revelam – através, inclusive, de seu comportamento de consumo – padrões comportamentais ligados à aceitação e/ou revelação de sua identidade. Todo este

processo deve ser compreendido dentro de uma moldura delimitada por ainda altos níveis de preconceito e de discriminação que prevalecem entre nós. Afinal, para se “sair do armário” com um mínimo de segurança, é preciso ter um lugar para onde se possa ir.

Adriana Nunan é Psicóloga e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio.

Bernardo Jablonski é Doutor em Psicologia Social e Professor da Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio.

RESUMO:

O presente trabalho pretende fazer uma breve análise psicossocial da subcultura homossexual no Rio de Janeiro, levando em conta questões relativas ao preconceito e à discriminação, observadas através de manifestações em torno da formação de identidade e do comportamento de consumo de indivíduos homossexuais.

ABSTRACT: This work aims a brief psychosocial analysis of the homosexual subculture that exists in Rio de Janeiro, taking into account issues related to prejudice and discrimination, observed through manifestations regarding homosexual identity formation and consumer behavior.

PALAVRAS CHAVE: homossexualidade, preconceito, subcultura, identidade social.

KEY WORDS: homosexuality, prejudice, subculture, social identity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONSON, E. Prejudice. In: *The Social Animal*. New York: Worth Publishers/W.H. Freeman and Company, 1999. p.304-363.

BADINTER, E. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

COSTA, J. F. *A Inocência e o Vício: Estudos Sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

CROCKER, J. e cols. Social Stigma. In: **GILBERT, D. T. e cols.** *The Handbook of Social Psychology – volume 2*. McGraw Hill, 1998. p.504-553.

FRY, P. & MACRAE, E. *O Que É Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1963/1988.

GREEN, J. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: UNESP, 1999.

FREITAS, A. e cols. Communities, Commodities, Cultural Space, and Style. In: **WARDLOW, D. L.** (ed.) *Gays, Lesbians, and Consumer Behavior: Theory, Practice, and Research Issues in Marketing*. New York: Harrington Park Press, 1996. p.83-107.

GLASS, V. e cols. Eu quero o meu direito de ser anormal: entrevista com João Silvério Trevisan. *Revista Caros Amigos*, ano IV, n. 43, out. 2000. p.30-36.

HUGHES, H. Holidays and homosexual identity. *Tourism Management*, v. 18, n. 1, 1997. p.3-7.

KATES, S. M. *Twenty Million New Customers! Understanding Gay Men's Consumer Behavior*. New York: Harrington Park Press, 1998.

MYERS, D. G. Preconceito: o ódio ao próximo. In: *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: LTC, 2000. p.181-206.

PARKER, R. *Beneath the Equator: cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil*. New York: Routledge, 1999.

POLLAK, M. A Homossexualidade Masculina, ou: a felicidade do gueto? In: **ARIÈS, P. & BEJIN, A.** (orgs.) *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.54-76.

PRITCHARD, A. e cols. Reaching out to the gay tourist: opportunities and threats in an emerging market segment. *Tourism Management*, v. 19, n. 3, 1998. p.273-282.

SULLIVAN, A. *Praticamente Normal (uma discussão sobre homossexualidade)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TERTO, V. Homossexuais Soropositivos e Soropositivos Homossexuais: questões da homossexualidade masculina em tempos de AIDS. In: **PARKER, R. & BARBOSA, R. M.** (orgs.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p.90-104.

TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.